Meu caro Rui

O Longo Braço do Passado confirma, reafirma o talento singular que nos chegou com o livro anterior. Na dicção dos adornos, nas estratégias compositivas — dos fragmentos de diário ao sentido confrontacional da presença do Santo no universo do leitor —, na arquitectura e no tecer dos núcleos efabulativos, nas digressões ensaísticas, precisas, sobretudo nos arredores da Tese, no desenho de atmosferas circunstanciais.

As vivências de uma Angola em tempos de mudanças de independência, por entre conflitos cuja natureza se não ilude, permitindo ao ex-comando protagonista uma revisitação do passado que se quer avessa a esquematismos, faz-se em underworld complexo, seja pela ambivalência ideológica, seja na emergência dos mil jogos obscuros, como os expedientes do campo dilema nas vozes anónimas.

Uma intriga com heróis/mercenários das narrativas de espionagem (mais do

(ou das policiais?) com tempero de matriz clássica nas passagens e tensas permanências, cumplicidade e afirma sem tibieza juízos sobre meio diversificado, o académico inclusive, perguntando-se — assim vejo — como interagir dialogicamente com o diferente, na política, na literatura, nos domínios visíveis ou abscônditos do quotidiano.

Um romance, pois, que antecipa (se não erro) um outro e, pelos méritos e méritos próprios nos proporciona, ideia, gratifica mediante uma escrita incisiva, rigorosa, capaz de haurir no comum da fala o húmus de uma boa construção pessoal.

Inevitável, se me é permitido este recurso conhecido e sentido. Ao empreendimento estético nunca deixa de ser o lugar aquele do retorno dos seus vários leitores. Aqui vai o meu, muito em síntese, já dito o quanto cordial das felizes caminhada.

E fica o abraço, todo o apreço e a amizade

Lx. 2. agosto. 2022.

José Manuel Mourão